LITERATURA COMO PROJETO E MILITÂNCIA: ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA

LITERATURE AS PROJECT AND MILITANCY: ANTONIO CANDIDO AND LITERATURE TEACHING

Ana Crélia Dias[1]

RESUMO: A morte de Antonio Candido, no ano de centenário de seu nascimento, trouxe para o meio acadêmico alguns caminhos para a revisão da obra desse que foi um dos maiores intelectuais que o país já teve. O propósito deste artigo é tecer algumas reflexões acerca da relação da obra de Antonio Candido com o ensino de literatura, buscando em diferentes textos o lastro do professor e do crítico que, discreta e tenazmente, volveu sua ação, nas salas de aulas e nos textos, para o entendimento das complexidades humanas representadas na literatura, por meio de uma prática pedagógica implicadora do papel social de seu público, os futuros professores.
PALACRAS-CHAVE: Antonio Candido, ensino de literatura, crítica literária.

ABSTRACT: The death of Antonio Candido, in the centenary year of his birth, brought to the academy some ways to review the work of this one who was one of the greatest intellectuals that the country ever had. The purpose of this article is to make some reflections about the relation of the work of Antonio Candido with the teaching of literature, searching in different texts the teacher and critic's ballast, that discreetly and tenaciously, turned its action, in the classrooms and the texts, for the understanding of the human complexities represented in the literature, through a pedagogical practice that implies the social role of its public, future teachers.
KEYWORDS: Antonio Candido, literature teaching, literary criticism.

1 Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A morte de Antonio Candido, ao fim de quase cem anos de vida e mais de cinquenta dedicados à produção intelectual, trouxe à baila eventos e homenagens a esse que foi um dos maiores críticos literários que o país teve. Ao lado de algumas vozes, que partem para uma revisão crítica de contraposição, ressurgiu, a partir de 2013, um texto ainda não tão conhecido do autor, resgatado para ratificar a defesa da fruição da literatura como um direito humano, num momento em que as críticas ao ensino de literatura retomaram fôlego.

Traçar um paralelo entre a obra de Antonio Candido e o ensino de literatura aparentemente pode parecer algo forçoso se buscamos na memória os textos mais representativos do autor ou ainda a repercussão do conjunto de sua obra, estreitamente ligada à crítica. A empreitada parece conduzir-nos àquele que se tornou referência nos últimos anos nos discursos de defesa da literatura e nos documentos oficiais, ou seja, "O direito à literatura"; e talvez seja esse mesmo o principal trabalho do autor a tratar do assunto de maneira mais direta. Entretanto, numa busca mais cuidadosa, encontramos um Antonio Candido desde sempre muito interessado neste universo em que o texto literário se insere: um espaço de livros, leitores, professores e intelectuais.

A maioria dos escritos do professor eram resultados de ações profissionais como aulas, palestras ou crítica para jornal. Textos provisórios, esses demandavam ajustes e nova roupagem quando se encaminhavam para publicação em livro. Nesse sentido, um bom caminho de investigação é buscar os textos introdutórios de algumas publicações, sem perder de vista o fato de que o material representa também o pensamento do autor para o cotidiano de sua prática pedagógica, ou seja, entendendo que há nesses textos uma previsão de público, e que esse material tem como objetivo uma situação de aprendizagem. Assim iniciaremos esse percurso indicando uma das formas como Antonio Candido se apresentava no cotidiano de sua atuação profissional enquanto professor e palestrante e como isso se mostrava nos textos:

> Este livro reúne textos de palestras e artigos divulgados em circunstâncias diversas, registradas numa nota final. Alguns se destinavam a público estrangeiro, e isto explica não apenas certas informações dispensáveis para o leitor brasileiro, mas a ocorrência de ideias que já estavam noutros escritos do autor. Apesar de organizados em três partes, são independentes e não há ordem necessária de leitura (CANDIDO, 2000, p.7).

O texto intitulado "Explicação", que abre *A educação pela noite e outros ensaios,* anuncia tratar-se a obra de uma reunião de textos e, portanto, uma publicação em que o ineditismo e a homogeneidade de assunto não serão encontrados. Revela ainda profundo respeito ao leitor quando indica o público a que se destinaram alguns textos, o que requereria informações básicas, talvez desnecessárias a leitores especializados. Apesar de representarem publicações heterogêneas e esparsas, os textos são reunidos em três partes, isto é, há uma organização do autor, além das notas finais, que indicam a biografia de cada escrito. A "Explicação" funciona como uma espécie de orientação ao leitor para o qual se dirige, o qual é outro, que não está mais ao alcance da mediação de seu autor.

Tirar os textos da condição de efemeridade de que se originaram e dar "a forma bem mais comprometedora de livro" (CANDIDO, 2006, p. 7) é, de certa forma, prolongar a existência daquilo que, no curso das aulas, poderia ser passível de mudanças, e requereria mais rigor, o que não era confortável para nosso autor. Sendo assim, essa empreitada sempre se acompanha de uma explicação, em cujas linhas trata do motivo de fazê-lo, quase sempre por solicitação de colegas, como acontece com *O estudo analítico do poema*, parte de um curso ministrado na Universidade de São Paulo, solicitado para publicação por Walnice Nogueira Galvão, sendo um escrito que foi considerado já em obsolência por seu autor, o qual julgava que o material poderia contribuir para a reconstrução da história da faculdade, "como amostra do que se fazia naquele tempo, antes das transformações por que passou a Teoria da Literatura e, em consequência, seu ensino" (CANDIDO, 2006, p. 7).

O ensino, portanto, é resultado de estudos, que poderiam ser mobilizados constantemente, uma vez que as mudanças no campo dos estudos literários não são raras e o próprio objeto – literatura – transita em zona movediça. Há, nesse sentido, forte compromisso do autor com a matéria ensinada e preocupação com sua possível repercussão fora de seu tempo. Walnice Nogueira Galvão, em texto redigido para a publicação de *O estudo analítico do poema,* trata da relevância de trazer a público mais amplo o material das aulas de Candido, reconhecendo-lhe a qualidade advinda do trabalho ostensivo de pesquisa e planejamento para uma aula, que fundia preparação teórica e apropriação apaixonada do objeto estético:

> Aula de Antonio Candido era algo especial. Um professor correto, discreto, que não falava de si nem se exibia. [...] Mas na aula ele abria a boca e falava. Ah! como falava! O puro amor pela literatura se encarnava às nossas vistas e todo mundo de repente percebia que literatura é uma coisa importantíssima. [...] A seus jovens colaboradores ensinava, com paciência e reticência, que os alunos merecem a atenção de uma aula preparada (CANDIDO, 2006, *orelha*).

A visão do professor pela sua então estudante deixa entrever o compromisso com a preparação das aulas, a responsabilidade como professor e crítico, e ainda a consciência de que se dirigia a um público que seria mais tarde também professor, tudo que aos textos o autor tenta oferecer, em publicação posterior, nas muitas notas que foram adicionadas. A aula deixa de ser um episódio isolado para constituir-se como parte de um fenômeno formativo do estudante e do futuro profissional. Mais adiante, Candido acrescenta na mesma nota:

> As notas que compõem o presente livro, embora antiquadas e cheias de lacunas, contendo mais indicações do que desenvolvimento, servem, portanto, para registrar um momento no ensino da literatura em nossa Faculdade (CANDIDO, 2006, p. 9).

A consciência da marca temporal do registro parece considerar também que o material necessitaria da complementação que acontece no decorrer das aulas. Dessa forma, como é um texto preparado para um curso, estaria fadado à incompletude sem a prática das aulas. O respeito ao leitor do livro se evidencia na apresentação da obra, em seu conteúdo e nas possíveis lacunas advindas das marcas do tempo e da incompletude.

Tratando-se ainda de apresentações, *Na sala de aula* segue o mesmo caminho de *O estudo analítico do poema*, pois, no prefácio, explica ao leitor não ser "um conjunto de ensaios, mas um instrumento de trabalho", ou seja, explicita serem textos "que não foram feitos para serem lidos por si mesmos, mas em correlação estreita com os poemas." (CANDIDO, 1999, p. 6), assinalando a necessidade da leitura do texto literário e não sua substituição pela crítica:

> Este caderno contém seis análises de poemas, que procuram sugerir ao professor e ao estudante maneiras possíveis de trabalhar o texto, partindo da noção de

> que cada um requer tratamento adequado à sua natureza, embora com base em pressupostos teóricos comuns (CANDIDO, 1999, p. 5).

O cuidado com a apresentação de um material que não se constitui como um modelo a ser seguido acriticamente se mostra neste trecho principalmente por meio do uso do verbo **sugerir** e pela indicação de não se tratarem de receitas metodológicas, mas de formas **possíveis** de tratar a literatura em sala de aula. O reconhecimento da singularidade dos textos, nesse sentido, exige de quem os analisa singularidade também no tratamento das leituras, mesmo que baseadas no mesmo aporte teórico, sendo que essa autoria de análise é conseguida por meio de um trabalho exaustivo de leitura, como acrescenta o próprio autor: "Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista" (CANDIDO, 1999, p. 6).

Ao contrário de uma atitude de desleixo ou desprezo pela crítica e pela teoria, a atitude do autor indica grande respeito pela potência do texto, convocando trabalho minucioso, com doses de teoria e crítica que deveriam ser pertinentemente administradas. No "Prefácio da 2ª edição" de *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido toca de forma mais aguda nessa questão da impossibilidade de apagamento do texto pelo espaço excessivo ocupado pelo método e pela teoria:

> Esse interesse pelo método talvez seja um sintoma de estarmos, no Brasil, preferindo falar sobre a maneira de fazer crítica, ou traçar panoramas esquemáticos, a fazer efetivamente crítica, resolvendo a intimidade das obras e as circunstâncias que a rodeiam (CANDIDO, 1997, p. 16).

Não se trata, portanto, de uma defesa da própria forma de tratar criticamente a obra em análise, mas de um entendimento da potência do texto e dos caminhos de leitura numa crítica ao modismo do descritivismo metodológico e ao desfile de teoria, que, muitas vezes, suplantam a leitura da obra e, por vezes, transformam o texto crítico em escrito hermético. Há portanto um compromisso intenso com a clareza dos escritos, cuja necessidade apontava para a difusão das obras e sua chegada aos leitores. No conhecido artigo "A literatura e a formação do homem", Antonio Candido retoma esse incômodo diante de certa suplantação do objeto literário pelas informações acerca dele:

> [...] os estudos modernos de literatura se voltam mais para a estrutura do que para a função. Privada dos apoios tradicionais mais sólidos, (o estudo da Gênese, a aferição do valor, a relação com o público), a noção de função passa de fato por uma certa crise. Seria possível, no entanto, focalizá-la? É claro, desde que não queiramos substituir um enfoque pelo outro. [...] há no estudo da obra literária um momento analítico, se quiserem de cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana (CANDIDO, 2002, p. 79-80).

No mesmo artigo, mais adiante, ainda nas reflexões acerca da polêmica em torno da existência ou não de função(ões) para a literatura, Candido localiza a obra como um fenômeno vivo, produzido pelo humano e a este dirigido. É uma das não raras vezes em que o autor vai situar a circulação da obra e não apenas sua produção, sendo que a previsão do leitor anuncia nuances que seriam mais tarde desdobradas pela estética da recepção.

> [...] a ideia de função provoca não apenas uma certa inclinação para o lado do valor, mas para o lado da pessoa; no caso, o escritor (que *produz* a obra) e o leitor, coletivamente o público (que recebe seu impacto). De fato, quando falamos em função no domínio da literatura, pensamos imediatamente: 1) em função da literatura como um todo; 2) em função de uma determinada obra; 3) em função do autor – tudo referido aos receptores (CANDIDO, 2002, p. 78).

A preocupação com a difusão da obra anuncia então uma concepção que prevê a presença de leitores reais. A democratização das leituras foi uma luta do crítico muito antes da publicação de "O direito à literatura". Entre 1960 e 1983, Candido correspondeu-se com Angel Rama, produzindo material escrito que se manteve inédito até o ano de 2018 e que acaba de ser publicado pela Editora da Universidade de São Paulo.

Num encontro em Montevidéu, ocasião em que Candido foi ministrar um ciclo de conferências na capital uruguaia, os dois críticos de conheceram, iniciaram forte amizade e estabeleceram correspondência duradoura, na qual muitos assuntos relativos à profissão (Rama, além de crítico, era professor e escritor) e à

difusão da leitura eram debatidos. Em uma das cartas, Candido elogia a força de trabalho do amigo, que tinha muitas turmas de alunos e ainda realizava muitas outras atividades. Dos projetos que realizaram juntos, o mais importante, sem dúvida, é a coleção *Biblioteca Ayacucho*, que atualmente possui cerca de 250 títulos publicados, e que foi responsável por visibilizar a circulação da literatura brasileira na América Latina. A preocupação com a difusão das obras passava pela premissa de que era preciso dar acesso à leitura, isto é, formar público leitor:

> Estou saindo para Havana, a fim de atuar no Prêmio da Casa das Américas. [...] Depois pretendo ir ao México e ao Peru. E, mais adiante, pretendo ainda, este ano, fazer nova viagem. Tenho em mente aquele projeto de um núcleo de atividades na Universidade de Campinas. Para começar, encontros, trocas de ideias, seminários, visitantes, esboço de biblioteca. No futuro, quem sabe, algo mais importante. [...] a ideia [é] de organizar uma unidade de estudos hispano-americanos, sem pressa e ainda sem fisionomia claramente prevista. Pode ser que acabe no futuro como um departamento; pode ser que fique como mero centro de estudos; pode ser que não passe do hábito de ter sempre aqui professores hispano-americanos (CANDIDO, 2018, p.12-13).

Reconhecendo a literatura como necessária à existência humana, em "A literatura e a formação do homem", Candido adverte ainda que, embora seja objeto de ensino, a transgressão peculiar desse objeto estético impossibilita sua domesticação: "Dado que a literatura, como a vida, *ensina* na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta" (CANDIDO, 2002, p. 83). O conceito de **formação**, então, assume faceta individual e coletiva, de modo que esta se expressa no que diz respeito ao acesso às obras, uma das funções das instituições de ensino, e, aquela, na apropriação que o sujeito faz da obra. O professor então arrisca afirmar que o processo formativo dos indivíduos passa muito mais pelas leituras que faz, por meio das escolhas, do que pela atuação das instituições.

> Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances

> policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança ou adolescente (CANDIDO, 2002, p. 82).

A preocupação com a difusão das obras significa, portanto, preocupação com a leitura das obras e, consequentemente, com o leitor. Reconhecendo a importância das instituições formadoras, Candido tece grave crítica à atitude de pedagogização do texto literário, subversivo às amarras moralizantes. Alarga, portanto, o conceito de formação, desvinculando-o de premissas de cunho ideológico controlador/manipulador dos sentidos:

> [...] a função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico[...]. A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom e o Belo – definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras. Daí as atitudes ambivalentes que suscita nos moralistas e nos educadores, ao mesmo tempo fascinados pela sua força humanizadora e temerosos da sua indiscriminada riqueza (CANDIDO, 2002, p.83).

O autor mostra, nesse texto, que os componentes que trazem a riqueza para uma experiência humanizadora por meio da literatura não caminham numa única direção. Encharcados pela potência da multissignificância, os textos literários tomam vias de mão dupla, em sentidos diferentes daqueles em que possa estar o desejo de quem supõe controlar. Daí surge ora o desejo de tê-los como instrumento de certa pretensão moralizadora, ora podem os textos sofrer sanções por fugirem ao controle da tentativa de manipulação. Em "O direito à literatura", conferência proferida a um público de juristas, em 1988, Candido ratifica o uso que as sociedades fazem da literatura como "instrumento poderoso de instrução e educação, [...] como equipamento afetivo e intelectual":

> Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática.

> A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (CANDIDO, 2011, p.177-178).

É nesse mesmo texto que, a partir da defesa do acesso à literatura como um bem inalienável, o professor vai mostrar que o reconhecimento dos direitos humanos, em nosso país, passa por um recorte de classe. Tratando das classes abastadas, afirma que estas, afetadas por certo tipo de "obnubilação" (não podemos deixar de inferir certa ironia neste termo), parecem reconhecer, sem dificuldades, o direito do mais pobre a "certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde". Entretanto, quando arrolam os próprios direitos, não percebem a necessidade de que estes sejam estendidos a todos: "será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostóièvski ou ouvir os quartetos de Beethoven?" (CANDIDO, 2011, p.174). A desigualdade social, causa e consequência da divisão de classes, estende-se aos bens não materiais, numa atitude que parece fazer entrever que a sofisticação, seja de que ordem for, não é atributo de direito do mais pobre.

> Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 2011, p. 193).

Crítico militante, Antonio Candido foi responsável por apresentar autores hoje de grande renome ao cenário nacional: Guimarães Rosa, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto estão na galeria desses autores. Nesse sentido, é interessante lembrar que o professor destinava um expediente de quatro horas diárias para a leitura e crítica de novos autores e, nem sempre, teve simpatizantes neste trabalho. Quando chamado a um Congresso de Poetas, como principal

representante da crítica nova, encontro que mais tarde seria visto como marco de consagração daqueles que se chamariam de Geração de 45, apontou muitas das qualidades dos novos poetas, mas, com sutileza, fez crítica ao desejo exacerbado do grupo de diferenciar-se dos modernistas: "O poeta faz os poemas, mas é a poesia que faz o poeta; para a poesia, as gerações são episódios" (CANDIDO, 2002, p.161). O fato de o discurso não ter sido divulgado pelos poetas não constrangeu o professor, que não se furtava a posicionar-se como crítico, mesmo diante de textos que representassem saída de uma zona de conforto como leitor. Sobre esse prazer pelo habitual, comum aos leitores, num texto de 1945, no *Diário de São Paulo,* tempo de grande debate na crítica de poesia, com o advento da poesia concreta e da resistência a ela, o crítico trata do gosto, e do gosto pelo que é habitual:

> Habitualmente lemos para não fazer esforço e gostamos de encontrar o que já esperávamos. Daí a irritação que nos toma ao encontrarmos uma novidade atrevida no meio da nossa rotina. E daí a necessidade que têm os inovadores de acentuar, carregar as tintas e contundir com certa violência a inércia do nosso comodismo estético (CANDIDO, 2002, p.157).

A atuação como professor rendeu muitos dos livros que temos hoje, como vimos anteriormente, mas, sobretudo foi a forma de atuar profissionalmente que mais orgulho deu ao Professor, como era conhecido inclusive na vizinhança em que passou seus últimos dias. Lutou desde o início da carreira pela profissionalização do docente e militou em defesa da obrigatoriedade da licenciatura para atuar no ensino médio:

> [...] soube que havia um lugar de professor de História da Filosofia na 5ª seção do Colégio Universitário, dependente da Faculdade de Filosofia. Mas soube ao mesmo tempo que ia ser dado a alguém que não era licenciado. Resolvi me candidatar e protestar se fosse o caso. [...] (naquele tempo havia um grande esforço de nossa parte para reivindicar que os cargos de ensino médio fossem preenchidos por licenciados) (CANDIDO, 2002, p.299).

Como pode ser observado, há muitos textos em que o autor vai tratar dos preceitos envolvidos no movimento da literatura e de seu ensino, tecendo conside-

rações acerca dos textos, como crítico e professor, tratando da necessidade de expansão do universo de leitores e enfatizando a necessidade de democratizar o acesso à leitura literária. E é em "Discurso de paraninfo" que nosso autor vai discorrer mais amplamente sobre a universidade pública, suas funções e o lugar do professor. Texto de 1947, este tem uma origem curiosa: Candido atuava como professor assistente havia dois anos apenas, quando foi indicado para paraninfo da turma. O diretor da Faculdade recusou-se a comparecer ao evento porque o homenageado era ainda um assistente. A essa atitude do diretor, o Professor responde com ironia fina, com tom crítico, denunciando muitos dos vícios, transmutados em vaidades, que se assentam em nossas cadeiras universitárias. Dirigindo-se aos formandos, anuncia aquela que é a principal função deles:

> No conjunto das vocações universitárias, pertence-vos a do magistério secundário – condição de grandeza intelectual de um povo. Independente da pesquisa e da criação, que também definem a Faculdade de Filosofia , é como professores que nos apresentamos à comunidade universitária e à sociedade do nosso país, e é nesta qualidade que se espera de nós (CANDIDO, 2002, p. 311).

Candido parece anunciar, nesse texto, o desejo demonstrado por muitos colegas de formarem-se para atuar no ensino superior, numa perspectiva de que a educação básica e, sobretudo, a atuação como professores seriam atividades menores da carreira. Vai tratar ainda, nesse texto, da função social da universidade e de seus egressos. Uma vez que é a sociedade quem custeia os serviços públicos, essenciais na luta por direitos, especialmente em situações de grave desigualdade, é a essa mesma sociedade que devem ser dirigidos os frutos da formação universitária. O seu compromisso com a luta pela diminuição do grande fosso entre as classes sociais realizava-se, como podemos entrever, para além das aproximações político-partidárias, e dava-se na sua prática docente cotidiana:

> É que somos um grupo de privilegiados a destacar-se da comunidade por vezes miserável dos nossos patrícios pela oportunidade que tivemos de nos cultivar – não obstante os eventuais sacrifícios que isto possa ter custado a cada um – em escolas sustentadas pelo trabalho desta mesma comunidade. A ela, portanto, nos devemos, em primeiro lugar, e tudo o que fizemos para o nosso progresso pessoal

> terá alcance realmente humano na medida em que nos cometermos a tarefa de saldar esta grande dívida (CANDIDO, 2002, p.311).

Faz ainda severa crítica a um certo encastelamento dos intelectuais dentro dos muros da universidade, que parecem entrever certa recusa a enxergar a realidade circundante e sua demanda, como se os encarregados das atividades intelectuais estivessem apartados da necessidade de engajamento social. Refletindo sobre o sentido de intelectual e ressaltando o fato de que sua atividade consiste em trabalhar de forma abstrata as questões complexas da vida, o crítico nos fala de um processo de afastamento dos homens da concretude da existência, "vão, cada vez mais, desaprendendo os caminhos da vida, e – adolescentes prolongados – perpetuando a incapacidade juvenil de fundir ação e conhecimento." O autor denuncia, desta forma, certa velocidade dos estudantes na busca de titulação acadêmica, distanciada do diálogo com as circunstâncias sociais de seu tempo: "Ao cabo de algumas gerações, estará forjado o arcabouço magnífico de um sistema brilhante e descarnado, graças ao qual se formam intelectuais, e não homens" (CANDIDO, 2002, p.313). Ainda no mesmo tom, o autor avança na direção de apontar vícios comuns da atividade docente, quais sejam a irredutibilidade em relação às próprias convicções e ainda a vaidade diante do avanço da própria escolarização:

> Na vida universitária – onde o hábito de ensinar pode conduzir ao dogmatismo e os títulos conquistados à pretensão da onisciência – acentuam-se geralmente os processos de afastamento da vida com hipertrofia da atividade intelectual, porque não raro a disciplina universitária repousa sobre algumas deformações prévias do espírito. [...] Se a finalidade mais alta da Universidade é propiciar formas superiores de vida, o seu perigo constante é o pedantismo, isto é, o culto do saber desligado da existência (CANDIDO, 2002, p.313).

Dessa forma, reconhece o lastro que um sistema de ensino desligado da existência pode causar à sociedade, iniciando na universidade e chegando à escola: "pelo intermédio dos licenciados, se propagaria pelas cátedras dos colégios e dos ginásios". Parece traduzir uma realidade muito próxima daquela em que vivemos hoje, em que os estudantes estão vivendo cada vez mais cedo as consequências da superespecialização acadêmica. Quando faz a diferença entre inte-

lectuais e homens, Candido aponta a dificuldade em lidar com a ideia de que a intelectualidade e a vida são formas dissociadas de exercício. Aponta ainda para o caráter coletivo da situação de aprendizagem e extensão do saber às formas mais complexas de humanidade:

> [...] nossa principal missão é *viver* a aventura do pensamento junto com os alunos; procurar enriquecer de tal maneira a nossa sensibilidade e a nossa visão das coisas, que nos seja possível transmitir, ao lado e acima da *noção* e da *ideia*, o sentimento imponderável de calor e de harmonia que permite estender com maturidade os olhos sobre o mundo e o semelhante. Só esta sabedoria conduz ao discernimento verdadeiro e ao desejo de encaminhar a nossa atividade para a conquista dos altos padrões de humanidade. É a falta dela que tem transformado universidades e mais universidades em mecanismos estéreis de acumulação científica e produção seriada de doutores, tão inocentes em face dos grandes destinos do homem quanto eruditos e proficientes nas suas especialidades (CANDIDO, 2002, p.311).

Há mais de meio século, o autor já parecia ter forte clareza dos caminhos a que a formação superespecializada, desconectada da realidade social, poderia levar os egressos, mestres e doutores em Letras. Foi um dos primeiros professores de Literatura (se não o primeiro) a orientar trabalhos de pós-graduação que tratassem das relações da Literatura com o ensino básico, sendo que os trabalhos de mestrado e doutorado de Marisa Lajolo, hoje uma renomada pesquisadora da área, mostram o quanto a visão do Professor expandia seu universo micro de pesquisa e abarcava a potencialidade macro a que poderia chegar quando estabelecido um diálogo com as questões sociais urgentes. Nas palavras de Lajolo, foi o orientador que, vendo-a em dificuldade de delimitar um tema para o trabalho, perguntou: "O que você faz, minha filha?" À resposta sobre ser professora do ensino básico, ele acrescentou: "Trate do seu trabalho, reflita sobre ele". A dissertação da então orientanda versou sobre as questões de literatura que apareciam nas provas de vestibular à época; no doutorado, indicando-lhe o mesmo caminho e ela tratou da literatura infantil de Olavo Bilac. Cumpria seu papel de orientador num paradigma muito distante daquele que temos hoje nos corredores acadêmicos, aos quais ele já tecia severas críticas quando estes ainda eram ensaios de vaidade.

Erudito por natureza, o professor primava pela simplicidade; leitor voraz de literatura universal complexa, reconhecia e apreciava formas diversas de fabulação; estudioso até os últimos dias, não poupava à escuta os saberes das figuras mais simples que acercavam seu cotidiano. Acreditava profundamente na educação e em seu poder transformador, no refinamento da inteligência por meio da leitura de literatura e no mais alto grau de capacidade de abstração, apontando a concretude da vida como princípio e fim de qualquer atividade, de modo a "nortear o ensino segundo a compreensão da vida, porque o vivido sobreleva o aprendido, já que este vale na medida em que se transforma em novas formas de viver" (CANDIDO, 2002, p.315).

Referências

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios.* São Paulo: Ática, 2000.
CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema.* São Paulo: Humanitas, 2006.
CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula.* São Paulo: Ática, 1999.
CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira.* Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997 (v.1).
CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção.* São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2002.
CANDIDO, Antonio. *Conversa cortada: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama.* Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: EDUSP, 2018.
CANDIDO, Antonio. *Vários escritos.* Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.